

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM MEIO À COMPLEXIDADE CONTEMPORÂNEA

Arina Blum



Docente na UNIFEFE. Designer com graduação em Desenho Industrial, especialização em Design Gráfico, mestrado em Design Estratégico, doutorado e pós-doutorado em Design. Pesquisadora na área de Gestão de Design e Saúde. Experiência em projetos de extensão e gestão de equipes criativas.

RESUMO: A extensão universitária se depara com inúmeros desafios, entre eles a complexidade contemporânea. Quando o objetivo nos projetos de extensão é o de resolver problemas reais, é preciso ter ciência de que fatores complexos permearão a busca por caminhos e respostas. Ponderando questões nesse contexto, apresenta-se um artigo de opinião, com o objetivo de relacionar aspectos da extensão universitária com a complexidade presente na sociedade contemporânea. Foi embasado em uma pesquisa bibliográfica e documental e na vivência docente na extensão. São explanados alguns achados que demonstram serem caminhos para a extensão universitária o uso de recursos humanos para compreensão crítica da realidade e a disposição para reconfigurações e para metaprojeto das práticas.

1 INTRODUÇÃO

Que a extensão é um meio de conexão entre o lado de dentro dos muros da universidade e a realidade do lado de fora, numa via de mão dupla, isso sabemos. Ouvimos muito, nos últimos anos, sobre ser e viver a extensão. Quando, em 2018, foram estabelecidas as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira (BRASIL, 2018), não nos soou estranho o disposto para a interação do ensino superior com outros setores da sociedade. Em algum momento, e talvez repetidas vezes, já havíamos entrado em contato com a expressão “tripé ensino-pesquisa-extensão”, nos termos “indissociabilidade”, “integração”, “articulação entre”, “interdisciplinaridade”, entre outros (GONÇALVES, 2016; PHILIPPI JR.; FERNANDES, 2015; COLOMBO; RODRIGUES, 2011).

Fato é que tínhamos mais material explicativo sobre ensino e sobre pesquisa do que temos sobre extensão. E embora a palavra “extensão” seja, hoje, rotineira aos nossos ouvidos pedagógicos, ainda sentimos necessidade de explicar o que é ela é, de fato, na realidade universitária. Definir o que é a extensão de forma real e aplicável, seu potencial e as lições que aprendemos com ela é um ponto para o qual ainda nos debruçamos. É de total interesse da universidade que saibamos como ser e fazer melhor para e com a sociedade da qual somos parte.

Sobre esse fazer, as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira (BRASIL, 2018, p.1-2) definem ser “a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa”, complementando que a constituição da extensão se dá em “processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico” e que é “por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa” que ocorre a promoção da “interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade”.

A definição sobre extensão universitária nos instiga à reflexão da prática institucional nesse campo. Como podemos estabelecer relações positivamente transformadoras por meio da extensão? Como conhecer, se aproximar e contribuir para os variados setores da sociedade? Como quebrar o *habitus* e agir certamente em meio à complexidade contemporânea? Ponderando essas questões, apresentamos esse artigo de opinião, embasado em uma pesquisa bibliográfica e documental e na vivência docente na extensão, com o objetivo de relacionar aspectos da extensão universitária com a complexidade presente na sociedade contemporânea.

2 DESENVOLVIMENTO

A extensão surgiu na universidade como uma terceira função, posterior à consolidação do ensino e da pesquisa, como explica Gonçalves (2016). Nesse sentido, a autora ressalta que existe um processo que precisa ser perpassado e que gera resistências, que é a reconfiguração do *habitus*. Ou seja, vivemos hoje o momento de implantação de mudanças e de posicionamento da extensão

como estratégia institucional presente nas práticas universitárias, mas o fato é que ela ainda está em fase de legitimação e aceitação. Por vezes as condicionantes do *habitus* e a complexidade do fazer universitário estagna o exercício da extensão.

A complexidade se apresenta como um assunto de extrema relevância na contemporaneidade. Para a universidade, o entendimento a partir da reflexão sobre a complexidade das relações sociais, da ciência, da interdisciplinaridade, do ensinar e do aprender e das dinâmicas de troca entre o que temos dentro dos muros e fora dos muros, talvez seja a chave para a prática adequada da extensão. A percepção de que somos e vivemos por entre os fenômenos complexos é um “convite a uma abertura maior de todos nós frente aos limites e alcance de nossos conhecimentos quando circunscritos a sistemas fechados” (ALVARENGA et al., 2015, p.85).

O conceito do que é complexo em termos de fenômenos contemporâneos é explicado por Morin (2013) na ideia de sistemas, onde há "união entre a unidade e a multiplicidade", presente na era atual quando nos confrontamos "cada vez mais e de maneira cada vez mais inelutável com os desafios da complexidade". Há complexidade, segundo Morin (*ibid.*), "quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico)", formados por "um tecido interdependente, interativo e interretroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si".

Pode parecer que lidar com a complexidade contemporânea é algo imensamente difícil e quase inalcançável, em especial considerando o contexto acadêmico e universitário. Cabe destacar, contudo, que complexidade não é sinônimo de impossibilidade, impedimento, de dor no fazer. Furtado (2022), por exemplo, faz ligação entre a complexidade e a felicidade, citando a resiliência como um resultado dessa relação. Por sinal, resiliência é um tema presente em projetos de extensão universitária (WANER-MARIQUITO, 2021; PUFFAL; WOSIACK, 2016), é algo almejado quando a universidade se enxerga como parte das dinâmicas sociais.



Mas de que tipo de complexidade estamos falando quando pensamos em projetos de extensão universitária? Nos referimos aos problemas reais da comunidade, a todas as questões da sociedade, afinal a universidade é a comunidade, é a sociedade. Nos referimos às problematizações para as quais estamos contemporaneamente em busca de respostas. Problematizações essas que, especialmente nas últimas décadas, tem se deslocado para um campo mais complexo. Melo e Abelheira (2017) exemplificam a ampliação das fronteiras dos problemas: se no século XX nos preocupávamos mais em como reformar um prédio, no XXI o foco está em como promover a revitalização e conservação de um bairro histórico; se antes pensávamos em como fazer uma lâmpada estilosa, hoje queremos reduzir o consumo de energia, contribuir para minimização do impacto climático mundial e todas as nuances da sustentabilidade.

O Project Management Institute (PMI, 2016), instituição internacional sem fins lucrativos focada em gestão de projetos, classifica três categorias de complexidade e causas associadas: (1) o comportamento humano, desde o individual até o coletivo, passando pela comunicação e desenvolvimento organizacional; (2) o comportamento do sistema, englobando a coletividade, a dependência e a dinâmica do sistema; (3) a ambiguidade, presente na incerteza e na emergência. A análise dessas categorias pode ser um ponto interessante para refletirmos sobre as complexidades presentes nos projetos institucionais de extensão universitária e o contexto das quais fazem parte.

O entendimento sobre o contexto global depende da nossa capacidade de perceber um evento dentro do conjunto ao qual pertence, sendo comum que enxerguemos as coisas de forma segmentada, isolada do todo complexo. É o que afirma Junqueira (2005, p.195), explicando que “para entendermos essa realidade complexa, precisamos de instrumentos que nos possibilitem enfrentar o desafio da complexidade” e, para isso, temos que decodificar suas partes, pois não se conhece o todo sem o entendimento das relações que o compõe. Essa é a ideia, segundo o autor, de sistema, de sociedade.

O conceito de complexidade está relacionado ao conjunto extenso de coisas simples, no contexto de grande quantidade de relações entre as informações (CARVALHO; MONTE; MOTA, 2017; VASSÃO, 2010). Assim,

alguns pesquisadores apresentam modelos que funcionam como "redutores da complexidade", no sentido de promover a reflexão, com conhecimentos prévios, sobre conjunto de conteúdos que tangenciam projetos que englobam fatores complexos. Para Carvalho, Monte e Mota (2017, p. 153), o dimensionamento antecipado dos conteúdos, pensando na redução para entendimento do problema, "permite um maior controle do processo em desenvolvimento, possibilitando inclusive a previsão de erros e, conseqüentemente, um maior domínio sobre este e outros fatores".

Entre os modelos para lidar com a complexidade, um é chamado de metaprojeto, ou seja, o projetar do projeto. Pensando no contexto dos projetos de extensão universitária, é um assunto pertinente, afinal existe todo um arcabouço que precisa ser pensado e projetado para efetivamente colocar em prática os projetos de extensão. É necessário um constante projetar dos projetos de extensão. O metaprojeto apresenta uma abordagem transversal que considera "o território, o ambiente, a empresa, o mercado, o consumo e a própria cultura como elementos de decodificação do cenário", fluído e dinâmico, complexo e global, e "procede segundo uma práxis inter e transdisciplinar que contempla a multidimensionalidade dos objetivos a serem concebidos" (MORAES, 2010, p.182).

No modelo metaprojetual, "entender complexidade como um sistema composto de diversos elementos, camadas e estruturas que estão interrelacionadas é o primeiro passo para aceitar que vivemos em um panorama complexo" (CARVALHO; MONTE; MOTA, 2017, p.157). Nesse sentido, é interessante analisar exemplos de cenários citados pelo PMI (2016, p.56-64), onde podemos constatar situações típicas, complexas e desafiadoras, encontradas também em projetos de extensão: o "projeto não vai entregar o que o cliente precisa"; existe "conflito das informações recebidas das partes interessadas"; o "projeto tem vários componentes e/ou processos interligados que nunca foram tratados anteriormente pela organização"; "os membros da equipe não têm as habilidades ou experiência necessárias"; os "membros da equipe estão [...] dispersos"; existem "requisitos originários de uma variedade de fontes com objetivos diferentes ou conflitantes"; há "volume crescente de

solicitações de mudança”; é “improvável que o projeto cumpra as datas acordadas”.

Nessas situações, algumas ações possíveis (PMI, 2016) para resolução são: alocar de recursos para estabelecimento de uma base objetiva para a tomada de decisão; pôr em prática a estrutura organizacional apropriada para facilitar a comunicação; formar alianças importantes entre as partes interessadas; identificar conflitos, entender motivos e desenvolver ações de mitigação; realizar sessões de lições aprendidas; documentar e compartilhar estratégias e fatores que permeiam o projeto e negociar flexibilizações quando necessário; fornecer incentivos; avaliar planos alternativos.

Ainda, segundo a PMI (2016, p.13), a “preparação organizacional é necessária para possibilitar a execução de programas e projetos com êxito” e existem facilitadores organizacionais que podem impactar projetos envolvidos em complexidade. Entre os facilitadores estão: liderança; colaboração para êxito nos resultados; análise de lacunas; competências da equipe. Assim, analisando as situações típicas, as ações e os facilitadores e comparando-os ao que observamos no contexto acadêmico, podemos afirmar que existe um caminho alcançável para práticas adequadas, coerentes e produtivas na extensão universitária, mesmo em meio à complexidade contemporânea.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo de opinião partiu de perguntas envoltas no contexto desafiador da complexidade contemporânea. Dúvidas sobre como posicionar a extensão universitária e como agir por meio dela, de forma certa, para atingir os objetivos propostos nas diretrizes do Ministério da Educação, são algumas delas. Mas mais do que resolver o proposto em um documento, as dúvidas permeiam a realidade complexa da comunidade e o papel da universidade como parte dela.

Nem todas as questões que dispararam a pesquisa sobre o assunto puderam ser respondidas ou explanadas nesse texto. Primeiramente porque não temos as respostas, afinal estamos em fase de construção delas. A extensão universitária vive, hoje, a fase de estruturação para sua consolidação, e estamos



aprendendo com o processo, ao mesmo tempo que buscamos as respostas e damos corpo aos projetos e às práticas. Também não temos as respostas para todas as questões porque são muitas as dúvidas, problematizações e realidades que nos deparamos e, certamente, novas ainda surgirão.

É sobre esse complexo emaranhado de questões, perguntas, respostas e realidades que procuramos abordar a temática, aqui apresentada com o objetivo de relacionar aspectos da extensão universitária com a complexidade presente na sociedade contemporânea. Entre os achados da pesquisa realizada, que sanam algumas dúvidas iniciais em relação à prática da extensão, estão de que estamos num bom caminho quando usamos a nossa estrutura mais valiosa, os recursos humanos, para reconfigurar *habitus* e fazer o metaprojeto dos projetos de extensão. É o pensamento crítico, indispensável na universidade, cumprindo seu papel de olhar a complexidade da comunidade e refletir sobre ela, talvez transformá-la e transformar-se junto dela.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Augusta T. de; ALVAREZ, Aparecida M. de S.; SOMMERMAN, Américo; PHILIPPI JR., Arlindo. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade nas tramas da complexidade e desafios aos processos investigativos. *In*: PHILIPPI JR., Arlindo; FERNANDES, Valdir (org.). **Práticas da interdisciplinaridade no ensino e pesquisa**. Barueri: Manole, 2015. p. 37-89.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 7**, de 18 de dezembro de 2018. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE 2014 – 2024 e dá outras providências. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20 jan. 2019.

CARVALHO, Juliana; MONTE, Luiz; MOTA, Nathalie. **Metaprojeto como instrumento de gestão da complexidade no Design**. *In*: ARRUDA, Amilton J. V. (org.). Design e complexidade. São Paulo: Blucher, 2017. p. 144-159.

COLOMBO, Sonia S.; RODRIGUES, Gabriel M. (org.). **Desafios da gestão universitária contemporânea**. São Paulo: Artmed, 2011.

FURTADO, Carla. **Feliciência**: felicidade e trabalho na era da complexidade. São Paulo: Actual, 2022.

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. **Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão**: um princípio necessário. *Perspectiva*, [S.L.], v. 33, n. 3, p. 1229-1256, 1 abr. 2016.

JUNQUEIRA, Luciano A. Organizações sem fins lucrativos e redes sociais na gestão das políticas sociais. *In*: CAVALCANTI, Marly. **Gestão social, estratégias e parcerias**: redescobrimo a essência da administração brasileira de comunidades para o Terceiro Setor. São Paulo: Saraiva, 2005. p. 195-2017.

MELO, Adriano; ABELHEIRA, Ricardo. **Design thinking e thinking design**: metodologia, ferramentas e reflexões sobre o tema. São Paulo: Novatec, 2017.

MORAES, Dijon de. **Metaprojeto**: o design do design. São Paulo: Blucher, 2010.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2013.

PHILIPPI JR., Arlindo; FERNANDES, Valdir (org.). Parte 3: Prática interdisciplinar no ensino, pesquisa e extensão. *In*: PHILIPPI JR., Arlindo; FERNANDES, Valdir (org.). **Práticas da interdisciplinaridade no ensino e pesquisa**. Barueri: Manole, 2015. p. 259-763.

PMI. Project Management Institute. **Navegando na complexidade**: um guia de práticas. São Paulo: Saraiva, 2016.

PUFFAL, Diana C.; WOSIACK, Raquel M. R. Projetos de extensão como contextos de desenvolvimento da resiliência: uma experiência em arteterapia. **Conhecimento Online**, v.1, n.1, p.1-21, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/245>. Acesso em: 10 jul. 2022.

VASSÃO, Caio Adorno. **Metadesign**: ferramentas, estratégias e ética para a complexidade. São Paulo: Blucher, 2010.

WANER-MARIQUITO, Renata; MACACARE, Ohana T.; FRATTONYE, Paulo E.; EKUNI, Roberta. Programa de extensão on-line? Resiliência frente ao distanciamento social. **Vivências**, [S.L.], v. 17, n. 34, p. 135-148, 5 out. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.31512/vivencias.v17i34.514>. Acesso em: 12 ago. 2022.